

Seção Leituras

LÉVI-STRAUSS, UM PENSADOR ENTRE TRÊS SÉCULOS⁵³

LÉVI-STRAUSS, A THINKER OF THREE CENTURIES

Vanderlan Silva⁵⁴

RESUMO

Apresentado originalmente durante o III Ciclo de Estudos de Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UFRN, por ocasião das comemorações em homenagem ao centenário de Claude Lévi-Strauss e às contribuições que ele deu às Ciências Humanas, este texto procura discutir as principais ideias deste antropólogo francês, cuja influência se faz notar nos mais variados campos de estudos das Ciências Humanas. Lévi-Strauss produziu uma obra vasta e densa, partindo das contribuições de autores clássicos da Filosofia, da Sociologia, Antropologia, Linguística, Geologia, Psicanálise, entre outros, às quais incorporou também contribuições de estudiosos contemporâneos de um vasto leque de disciplinas. Foi a partir dessa junção de várias influências intelectuais que ele elaborou uma nova perspectiva no campo dos estudos da cultura, tendo como preocupação sempre entender as singularidades sociais, ao mesmo tempo em que pautava suas pesquisa pela busca de elementos universais presentes na configuração dos significados sociais. A densidade e a influência de sua obra alcançaram patamares que poucos estudiosos das Ciências Humanas conseguiram ao longo do último século. Isso certamente se deu graças à força de suas ideias e à originalidade da perspectiva teórica que ele defendeu. O Estruturalismo teve

⁵³ Uma primeira versão deste texto foi apresentado durante o III Ciclo de Estudos em Ciências Sociais (CESO) da UFRN, no dia 7 de outubro de 2009, na UFRN, em Natal-RN, na Mesa-Redonda de Abertura, em homenagem a Claude Lévi-Strauss.

⁵⁴ Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Ciências Sociais pela *Sorbonne* (Paris V) – vanderlansilva@uol.com.br

grande força durante o século XX, entretanto, poucos foram os autores estruturalistas que galgaram o patamar atingido por Lévi-Strauss ao longo de sua extensa trajetória intelectual e existencial, o que demonstra como este é um autor singular.

INTRODUÇÃO

O que faz com que alguém possa ser considerado um gênio?

O que leva um pesquisador e escritor a ocupar um lugar de relevância em um ambiente de tanta competição e desafios como o meio acadêmico europeu?

Lévi-Strauss é um dos mais admiráveis, produtivos e influentes pensadores do século XX. A disciplina que escolheu e a teoria que ajudou a construir, não pareciam, inicialmente, ajudar-lhe muito a se transformar em um grande pensador do século XX. Todavia, aquilo que parecia obstáculo, foi enfrentado com muito esforço, disciplina e ousadia. No início da carreira acadêmica, quando manifestava o desejo de estudar os indígenas brasileiros, foi desaconselhado por um diplomata brasileiro residente em Paris, que lhe dissera, na década de 30 do século passado, que ele não iria encontrar índios no Brasil, pois esses tinham desaparecido. Esse conselho representava uma percepção etnocêntrica da elite brasileira em relação aos indígenas. Mesmo vindo de um brasileiro, tal "conselho" não chegou a influenciar Claude Lévi-Strauss, que, sendo professor na Universidade de São Paulo (USP) naquela década, fez-se também etnógrafo, mergulhando na floresta amazônica. Lévi-Strauss buscava não uma humanidade perdida nos mais longínquos recantos do mundo, situada à margem da sociedade ocidental. Ao contrário, quem já leu *Tristes Trópicos*, bem pôde ver que esse jovem etnógrafo, até então uma promessa da antropologia, encontrava ali vários povos originais, que construíam e seguiam outros modelos de existência, sem que nada ficassem a dever a outras populações, inclusive às sempre autocelebradas sociedades de modelo europeu. Muitos foram os pesquisadores que antes e depois de Lévi-Strauss tiveram experiências semelhantes, sem que possamos lhes atribuir a

mesma capacidade de compreensão. As várias expressões de humanidade que Lévi-Strauss nos revela, em parte, se deve à fineza do seu olhar, à generosidade do seu espírito.

LÉVI-STRAUSS, UM PENSADOR ENTRE TRÊS SÉCULOS

Se a experiência etnográfica tida no Brasil permaneceu como sendo a mais expressiva de sua vida, foi sobretudo com sua ida para os Estados Unidos, por ocasião da Segunda Guerra mundial, fugindo da França recém-invadida pelos nazistas, que a perspectiva estruturalista por ele abraçada e construída ganharia corpo.

Uma das grandes virtudes de Lévi-Strauss foi a de ser um grande leitor. Em sua obra, é sempre possível cruzarmos com os grandes clássicos da Antropologia, a exemplo de Lewis Morgan, James Frazer, Marcel Mauss, Malinowski e Racliffe-Brown; da Sociologia: Durkheim, Spencer, Robert Hertz; e da Economia e Filosofia, tal como Karl Marx; da Psicanálise, da Linguística etc.

Antes de ser um grande autor, Lévi-Strauss é um grande leitor, desses atentos e dispostos a sempre encontrar contribuições que façam suas reflexões progredirem. A sua obra “As estruturas Elementares do Parentesco”, originalmente sua tese de doutorado, é uma prova concreta desse legado de leitura e de diálogo com autores fundadores da Antropologia e da Sociologia, mas também com os autores contemporâneos dessas e de outras disciplinas.

Nesta obra, Lévi-Strauss apresenta uma interpretação inovadora e surpreendente quanto à questão da relação entre natureza e cultura. Ao contrário de muitos que o precederam, ele não procurou pensar o homem como um ser afastado da natureza, como se esta restasse tal qual uma herança de que o homem não podia fugir, embora fizesse de tudo um pouco para diminuir sua influência. Para Lévi-Strauss, o homem é uma bela construção, nascida deste entrecruzamento entre a natureza e a cultura. Para ele, não há um homem no sentido antropológico que seja apenas natural. A

natureza, bem disse o pai do Estruturalismo, oferece ao homem e às mulheres elementos dos quais eles não podem fugir, sob o risco de não poder se constituir enquanto ser cultural. Diferentemente de outros animais, no caso humano, a proposição da natureza não pode ser confundida com determinação, pois, se os elementos naturais são universalmente dispostos, a configuração que eles assumirão dependerá dos valores que cada grupo social elabora para lhes atribuir sentidos, significados. Na natureza, há uma ordem que se apresenta regulando a vida dos animais, das plantas, das rochas etc. O homem não é alheio a isso, mas, no seu caso, a natureza lhe dá a vida, mas não ordena a sua existência.

A constância e a regularidade existem, a bem dizer, tanto na natureza quanto na cultura. Mas na primeira aparecem precisamente no domínio em que na segunda se manifestam mais fracamente, e vice-versa. Em um caso, é o domínio da herança biológica, em outro, o da tradição externa. Não se poderia pedir a uma ilusória continuidade entre as duas ordens que explicasse os pontos em que se opõem" (1982:46)

No reino da cultura, ela é fruto do conjunto de valores classificatórios que são cultural e socialmente estabelecidos. Vejamos os eventos da proibição do incesto e da violência. Entre os animais, onde quer que se vá, observamos que esses, via de regra, jamais copulam e se reproduzem com os seus genitores. Algo semelhante ocorre com os conflitos entre animais de uma mesma espécie. Como observam Girard (1990) e Lorenz (2003), jamais um animal da mesma espécie mata o outro durante um conflito. No caso da cultura, ao contrário da natureza, não há uma espécie de freio que impeça o incesto, inversamente, como nota Lévi-Strauss, há mesmo um estímulo, um desejo natural para que isso ocorra. A mesma ausência de impedimento se mostra presente nos casos dos conflitos, da violência, cujas consequências mais graves dos embates relacionais podem conduzir à morte. Portanto, também aqui, inexistente um freio natural, mas não uma ordem que regule, pois a sociedade, a cultura, tomam para si tal responsabilidade, criando mecanismos

que possibilitem a ordenação da existência. Assim, a proibição do incesto cria a necessidade da aliança entre grupos de indivíduos, na medida em que o sujeito **A**, não podendo contrair uma esposa no seio do próprio grupo (a não ser que esteja disposto a enfrentar todo tipo de coerção social), ele é obrigado a buscar sua parceira em outro grupo. Como afirma Mauss, autor no qual Lévi-Strauss foi buscar a ideia de contrato a partir das trocas, *Recusar-se a dar, deixar de convidar ou recusar-se a receber equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão* (1974: 57-8). Mais à frente, Mauss se refere à importância das trocas, afirmando: *misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas; misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca* (Idem: 1974:71). Assim, na medida em que um indivíduo é levado a participar de um circuito de trocas, ele não pode copular com sua irmã e recebe uma mulher de outro grupo, sendo obrigado a ofertar sua irmã nesse jogo de relações sociais e de trocas sexuais. E é sempre importante lembrar, que, no jogo das relações, o mais importante não são os atores, mas as regras.

Portanto, a proibição do incesto, tal como pensada por Lévi-Strauss, constitui uma intervenção da cultura na natureza e essa intervenção se faz a partir da construção de um edifício fundador da vida cultural, qual seja, o sistema de trocas que para o antropólogo francês se faz sempre a partir da troca de mulheres, de mensagens e de bens e serviços. Para ele, essa é uma regra cuja manifestação é universal, mesmo que assuma singularidades particulares nas mais variadas culturas.

A obra de Lévi-Strauss, numerosa e densa, expressa bem a virtude de um espírito curioso, que não se contentou em restar "prisioneiro" das fronteiras disciplinares. Mas do que um antropólogo, ele é um dos grandes pensadores do Século XX, desses intelectuais raros, cuja influência se espalha muito além da disciplina que viu nascer suas reflexões. Em sua obra, encontramos influências dos mais variados domínios científicos, desde as já citadas Antropologia e Sociologia, passando pela Economia, Psicanálise, Filosofia e

Linguística e chegando até a Geologia. Ler Lévi-Strauss é um desafio e um convite a percorrer caminhos nem sempre tão fáceis de serem traçados, mas certamente lê-lo e relê-lo constitui um convite à reflexão provocante e ao crescimento intelectual. Não dá para ler suas obras e ficar indiferente às suas reflexões, aos seus questionamentos, à sua respeitosa, densa, sutil e por vezes corrosiva crítica aos tabus entrincheirados dos modelos ocidentais. A originalidade de um autor, muitas vezes, consiste em oferecer ao público acadêmico uma nova leitura para velhas questões. No caso de Lévi-Strauss, ele foi muito além disso; não apenas apresentou novas interpretações das obras de Durkheim e Marcel Mauss, de Morgan, Frazer, entre outros, mas, a partir delas, criou uma nova leitura das culturas e das sociedades humanas. O prefácio que elaborou para a coleção Sociologia e Antropologia, publicada em vários países, inclusive no Brasil, onde encontramos textos da magnitude de o Ensaio sobre a Dádiva, de Marcel Mauss, é uma apresentação tão competente e refinada quanto à própria obra do sobrinho de Durkheim. Do mesmo modo, a entrevista que concedeu sobre a obra Jean de Léry (Viagem à terra do Brasil) e publicada como prefácio à edição francesa de 1994, repleta de reflexões refinadas e de emoções que jorram enquanto fala do fato de ter percorrido, séculos depois, parte dos mesmos lugares trilhados pelo cronista do século XVI. Essas duas obras, entre tantas outras que ele produziu, acrescentam contornos singulares à sua produção, difíceis de serem encontrados em outros autores e obras. Paralelamente, são testemunhos do espírito vivo, da capacidade reflexiva e da paixão com os quais o pai do estruturalismo antropológico sempre fez Antropologia e pensou o outro.

LINGUAGEM E SOCIEDADE

Foi na Linguística que Lévi-Strauss foi buscar uma das principais contribuições à Antropologia Estruturalista. Para ele, a Linguística oferece um exemplo de ciência a ser seguido pela Antropologia, pois ela estuda fenômenos que em muito se assemelham às características dos fenômenos estudados pelas Ciências Sociais. Uma primeira semelhança é que os fenômenos linguísticos (fonemas) se situam em nível do inconsciente, e

segunda, se constituem como um objeto independente do observador (o que faz lembrar os fatos sociais, como coisas, tal como defendido por Durkheim). Ora, aquilo que é dado a pensar, e que independente do observado, aparece como um desafio, uma incitação à racionalidade humana, não a racionalidade em oposição à afetividade, mas enquanto refinamento da capacidade humana de criar o mundo enquanto representação simbólica. Pensar, desejar entender, construir é querer classificar, e, classificando, ordenamos o mundo que nos rodeia, mundo que ajudamos a formar a cada dia, como autores e atores, paradoxalmente silenciosos e barulhentos, herdeiros de tradições e criadores de inovações.

Continuando a pensar o paralelo entre Linguística e Antropologia, os fonemas, tal como os fatos sociais, ganham vida, sentido, a partir dos conjuntos de relações que estabelecem entre si e da estrutura que os estruturam. Para Lévi-Strauss, *as relações sociais são a matéria-prima empregada para a construção dos modelos que tornam manifesta a própria estrutura social* (1967:316). E nunca é demais lembrar, que, para ele, a estrutura não se reduz a algo empírico, tal como pensava Radcliffe-Bronw, para quem a estrutura social era o resultado do conjunto de relações sociais. Para Lévi-Strauss, a estrutura é uma construção do espírito, não de um indivíduo, mas de uma coletividade, baseada em modelos conscientes e inconscientes. Os modelos conscientes, também chamados de pobres, de nativos, apontam para a reprodução imediata da vida social, para a manutenção das regras sociais. Ao contrário do que possa parecer num primeiro momento para um leitor desavisado, os modelos conscientes não devem ser rejeitados pelo pesquisador; pelo contrário, eles representam vias de acesso aos modelos inconscientes; são documentos, contribuições, portas de entradas para os níveis profundos e inconscientes de uma dada sociedade. Mesmo Clifford Geertz, crítico de Lévi-Strauss e do Estruturalismo, que, empregando a seu modo a ideia de interpretar os significados nativos, parece se aproximar das ideias francesas em algum momento.

O truque é não se deixar envolver por nenhum tipo de empatia espiritual com os seus informantes. Como qualquer um de nós, eles também preferem suas almas como suas, e, de qualquer maneira, não vão estar muito interessados neste tipo de exercício. O que é importante é descobrir que diabos ele acham que estão fazendo (1997:89)

São os modelos que organizam, classificam e dão sentido às relações sociais. Por sua vez, eles estão diretamente relacionados à estrutura, essa espécie de espírito imanente da mente humana que organiza a existência e produz em cada um a sensação de que fazemos parte de uma grande ordem social.

Certamente uma das afirmações mais cara à Antropologia Estruturalista é aquela que assevera "*a noção de estrutura não precisa de tempo*" (1967: 324), pois ela se situaria para além do tempo de cada geração ou sociedade. Esse grande "espírito organizador" se constitui para Lévi-Strauss como resultado do poder de classificar, de atribuir sentido à existência; poder esse que se encontra impregnado em toda e qualquer sociedade. Ora, perspectiva semelhante é defendida por Gibert Durand, em "As Estruturas Antropológicas do Imaginário", quando chama atenção para a existência universal de imagens imperativas (ou imagens arquetípicas), fundadoras da psiquê humana, e que uma vez tomadas pelas cultura, ganhando assim significados particulares, formariam o que ele nomina de "trajeto antropológico".

No fundo, as rejeições e críticas feitas à noção de estrutura defendida por Lévi-Strauss parecem repousar na não aceitação da existência de elementos não culturais, que de um modo ou de outro se fazem presentes na configuração das relações sociais.

Uma outra afirmação polêmica é a de que os mitos independem dos homens. É claro que se os homens não existissem como espécie, os mitos também não estariam por aqui. Todavia, o mito se insere nessa perspectiva de um fenômeno que num certo sentido independe do observador. Assim, não somos nós que damos vidas aos mitos, ao contrário, são os mitos que se servem dos acontecimentos históricos e culturais para ajudar a organizar a vida social, para reordenar configurações e indicar caminhos. Os mitos, tal como a

estrutura, independem do tempo, e não por acaso, pois são expressões desse grande "espírito organizador".

Para além das divergências entre assecclas e críticos do antropólogo francês centenário, existe uma "quase unanimidade" em reconhecer que Lévi-Strauss é um dos mais importantes antropólogos do século XX, e por que não dizer, um dos grandes pensadores dos últimos séculos. Nascido há 101 anos, ele continua fisicamente presente entre nós e suas ideias permanecem como referências importantes no campo das Ciências Sociais e fontes de estudo para todos aqueles que procuram estudar as culturas. Na sua trajetória de etnógrafo, professor e escritor, Lévi-Strauss parece ter incorporado à sua trajetória uma marca tão singular aos pioneiros da Antropologia, pois foi com o espírito aventureiro e sempre trilhando caminhos que o ajudassem a entender a universalidade do espírito humano que construiu uma obra "*incontournable*".

Pela dimensão da obra que ergueu e pelo impacto que suas ideias tiveram no cenário intelectual mundial ao longo das últimas décadas, é possível se afirmar, sem hesitações, que Claude Lévi-Strauss é um dos grandes pensadores do Século XX, e ele o é, certamente, com um espírito do Século XIX.

Eis um autor, singular, desses cuja leitura da obra nos faz pensar profundamente, ajudando a quebrar paradigmas. As ideias do pai do estruturalismo tiveram e continuam tendo grande influência no campo de estudos antropológicos e de muitas outras disciplinas que procuram compreender, perceber e visualizar os segredos desse grande espírito organizador, que, em uma palavra, pode ser dito: humano.

Ao contrário de certos modismos comuns no mundo acadêmico, o Estruturalismo nunca se constituiu em uma "religião científica", fechada ao diálogo com outras disciplinas e formas de organizar e explicar a vida. Ao contrário, o Estruturalismo de Lévi-Strauss nasce nesse "*carrefour*" de encontros com outras ciências e com outros povos, para além daqueles do velho continente ou dos grandes centros urbanos.

Lévi-Strauss não hierarquiza sociedades, nem formas de classificação; ele coloca lado a lado razão e sensibilidade, lógica e intuição. Para ele, o homem é o mesmo, onde que tenha existido, onde quer que vá, embora se apresente sempre de formas singulares, em consonância com os valores particulares da cultura da qual participa. Somos todos membros de sociedades que formam um único clube. Caminhamos em muitas direções, cada grupo/povo/sociedade repleto de sentidos e de espíritos, razões e sensibilidades que nos ajudam a organizar a existência, a dar sentido à vida.

Ao propor isso e pela força dos argumentos que expôs, além da erudição sempre presente em seus textos, Lévi-Strauss acabou por se constituir como um dos mais refinados representantes de uma disciplina cuja vocação principal, desde os seus primórdios, sempre foi tentar entender o humano em toda a sua plenitude, a partir de suas mais variadas formas de expressão e de ordenação do mundo.

Há uma tocante passagem em *Tristes Trópicos*, essa obra, que como já disse alguém, "*condensa toda a beleza de uma obra magistral, inclassificável em sua grandeza humana*" e que vale a pena sempre retê-la, pela atualidade e profundidade com que se apresenta, exatamente por apontar para aquilo que funda a vida social a cada instante, aqui e alhures.

Nenhuma sociedade é perfeita. Por natureza, todas comportam uma impureza incompatível com as normas que proclamam, e que se traduz de modo concreto numa certa dose de injustiça, de insensibilidade, de crueldade...Descobre-se então que nenhuma sociedade é fundamentalmente boa; mas nenhuma é inteiramente má. Todas oferecem certas vantagens a seus membros, tendo-se em conta um resíduo de iniquidade cuja importância parece relativamente constante e que corresponde talvez a uma inércia específica que se contrapõe, no plano da vida social, aos esforços de organização (LÉVI-STRAUSS, 1981, pg. 365)

E mais,

Nada é definitivo; podemos tudo recomeçar. O que foi feito e falhou poder ser refeito: 'A idade do ouro que uma cega superstição colocara atrás [ou na frente] de nós, está em nós". A fraternidade humana ganha um sentido concreto ao apresentar-nos, na tribo mais pobre, nossa imagem confirmada e uma experiência da qual, junto com tantas outras, podemos assimilar as lições. Inclusive reencontraremos

nestas um antigo frescor. Pois sabendo que há milênios o homem só conseguiu se repetir, alcançaremos essa nobreza do pensamento que consiste, para além de todas as repetições, em tomar como ponto de partida de nossas reflexões a grandeza indefinível dos começos (LÉVI-STRAUSS, 1981,pg. 365).

O percurso intelectual de Lévi-Strauss e as contribuições que deu às Ciências Humanas são um fragmento desse percurso humano, onde tudo se repete e onde tudo pode ser inovado. Como poucos, ele se fez tão grande como muitos dos pensadores, filósofos e antropólogos que o precederam. Como pensador raro, ele se fez e faz singular, inovador e criador de uma linha de reflexão refinada, que encontra, entre muitos de nós, críticos, súditos e admiradores do legado que ele nos oferece.

REFERÊNCIAS

Cronos: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, v. 9, n. 2 (jul./dez.2009) Natal (RN): EDFURN – Editora da UFRN, 2000.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo I. O campo do signo, 1945/1966.** tradução Alvaro Cabral, São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DURAND, Gilbert. **Les Structures Anthropologiques de l'imaginaire.** Introduction à L'archétypologie générale, 11^e Édition, Dunod, Paris, 1992.

GEERTZ, Clifford. **O saber local,** Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

GIRARD, René. **A violência e o Sagrado.** São Paulo: Editora Unesp/Paz e Terra, 1990.

LEVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco,** Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A Noção de Estrutura em Etnologia em Antropologia Estrutural,** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos.** 70 ed. Lisboa/São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LEVI-STRAUSS. Claude. **Entrétiem sur Jean de Léry** em LÉRY. Jean de. Histoire d'un voyage fait em la terre du Brésil. Paris: Livre de Poche, 2004.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Linguagem e Sociedade** em Antropologia estrutural I. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1967. pp. 71-84

LORENZ, Konrad. **L'Agression**, Paris: Flammarion, 2003.

MAUSS, Marcel. **O Ensaio Sobre a Dádiva. Formas e razão da troca nas sociedades arcaicas** em Sociologia e Antropologia, com introdução de Claude Lévi-Strauss; tradução de Lambeto Puccinelli. São Paulo: EDUSP, 1974.

PACE, David. **Claude Lévi-Strauss. O guardião das cinzas**. Tradução de Maria Clara Fernandes, São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.